

CAPÍTULO 2

IMAGENS DA MODERNIDADE EM JACOBINA

Introdução

(...) é indiscutível que a cidade se faz representar e se dá a conhecer concretamente pelas suas imagens. As imagens urbanas são signos da cidade e atuam como mediadoras do conhecimento dela.⁷⁰

A cidade se apresenta como um campo de possibilidades para o pesquisador do “fenômeno urbano”, sendo muitas as vias que se podem trilhar para ter acesso ao seu conhecimento histórico. O caminho seguido neste estudo se deu a partir do imaginário social de seus espectadores privilegiados: os fotógrafos (em especial, com a obra de Osmar Micucci), e sua pequena elite letrada⁷¹. Através dos seus imaginários se procurou identificar os indícios da modernidade em Jacobina no período das administrações municipais entre 1955 a 1963, ou seja, dentro da fase nacional conhecida como “os anos dourados”.

As evidências desses indícios de modernização, durante o período em análise, não constitui a idéia de que Jacobina fosse concretamente uma cidade moderna, mas apenas de que seus espectadores privilegiados conseguiram traduzir aquelas imagens urbanas em impressões da modernidade. Através dos imaginários sociais desses espectadores, perseguimos suas trilhas em busca das referências do moderno e da modernização em Jacobina. Como disse Sandra Jatahy Pesavento “a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros⁷²”. Foram analisadas aqui as imagens desses discursos e olhares.

⁷⁰ FERRARA, Lucrecia D’Alessio. *Os significados urbanos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000, p. 115.

⁷¹ Essa pequena elite, formada por jornalistas, escritores, poetas, gozavam simbolicamente de certo *status* na cidade, afinal, eram poucos os homens de letra. Seus artigos jornalísticos, textos e poemas, na época, circulavam principalmente através do *Vanguarda*, ou em outros veículos de difusão estadual e nacional, como no caso de Afonso Costa. Alguns ainda tiveram suas memórias publicadas de forma independente, para um público leitor particularmente local.

⁷² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano- Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p.9.

Em busca da “esthetica das urbs modernas”

Em um pequeno artigo de 1923, intitulado “200 anos depois: a então vila de Jacobina”, o jornalista, escritor e historiador membro do IGHB, Afonso Costa, descreveu da seguinte maneira a sua interiorana terra natal:

Cidade elegante, estirada ao sopé e à curva das montanhas, o Rio do Ouro atravessa-a como filial do Itapicurú-mirim, que por seu turno passa em linha acachoeirada, sobre os cascalhos soltos, cingindo-a por todo o curso do casario. Ruas e praças, sem a esthetica das urbs modernas mas denotando a feição tradicional dos seus primeiros, nisto deve permanecer por todo o tempo demais, em honra ao passado que as formara, apenas recebendo as leves modificações actuaes da architectura, para o confirmar de sua evolução naturalmente demorada, mas naturalmente em congruismo com o seu povo⁷³.

Jacobina recebe do seu ilustre filho expressões como a de “cidade elegante” e de “feição tradicional”. Ele distingue suas ruas e praças da “esthetica das urbs modernas”, mas que, segundo o mesmo, “deve permanecer por todo o tempo demais, em honra ao passado que as formara”. No entanto, que passado era esse a que o autor se referia?

A despeito da restrita, porque não dizer quase inexistente, bibliografia que trate de pesquisas feitas sobre os primórdios da história do povoamento de Jacobina, os limites sobre esse importante capítulo da história local se restringem às referências gerais feitas pelo cronista Antônio Andreoni Antonil; os historiadores Francisco Varnhagen e Capistrano de Abreu ou os estudos do próprio Afonso Costa⁷⁴. É preciso dizer que esta é uma história por ser escrita. No entanto todos são unânimes em afirmar que a grande importância da Vila de Santo Antônio de Jacobina, criada em 1723, se deve ao fato da existência das preciosas minas de ouro e dos currais de gados, responsáveis por grande parte do sustentáculo da Colônia no fornecimento do cobiçado metal e no abastecimento de alimentos para a região litorânea. A região era tão importante para a Coroa que ela não demorara em mandar instalar aí uma das primeiras casas de fundição da Colônia.

⁷³ COSTA, Afonso. *200 anos depois (a então vila de Jacobina)*. In: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. N.º 48, 1923, p.280.

⁷⁴ ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*; VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*; ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de história colonial*; COSTA, Afonso. *Minha terra (Jacobina de antanho e de agora)*. In: Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia. Vol. II, 1916, pp. 235-319.

Segundo Afonso Costa, ao longo do século XVIII, o prestígio da Vila se manteve em razão da exploração do ouro, ao passo que decaiu em princípios do século XIX, quando a Corte já instalada em terras brasileiras proibiu a exploração aurífera sob a alegação da dificuldade de controlar os constantes contrabandos existentes. Para este autor, a Vila passou por grandes dificuldades econômicas, o que lhe garantiu só tardiamente a sua elevação ao título de cidade, ocorrida em 28 de julho de 1880. Afonso Costa lamenta a triste atenção destinada à sua região:

Essa, a obra da coroa portuguesa e da coroa brasileira, em favor da terra que fora o berço dos sertões bahianos e que prometia aos desvelos reaes as benesses maravilhosas das compensações por quanto se lhe emprestasse para as grandezas⁷⁵.

Jacobina entrou no século XX com pequena estrutura urbana, quando seus dirigentes políticos procuraram fazer uma remodelação na sua paisagem da cidade. Aquela cidadezinha com ampla feição de vila necessitava ganhar ares urbanos. O primeiro edifício público a receber esses serviços de “melhoramentos” foi o Paço Municipal, que se encontrava em ruínas em 1913, quando iniciaram as obras para a sua reconstrução. Dois anos mais tarde, procurando dar continuidade ao programa de remodelamento da urbe, o Conselho da Intendência recomendou “serem demolidos todos os prédios em ruínas”, ficando os proprietários com um prazo de um ano para a reedificação dos mesmos ou então construir muradas nos terrenos. Segundo a mesma resolução, caso os proprietários não cumprissem a determinação “concederão-se os mesmos sem direito na reedificação, que será concedida pela Intendência a quem primeiro requerer”⁷⁶.

Observa-se como o poder municipal, em nome da remodelação urbana que entendiam ser urgente, elaborava uma resolução arbitrária para aqueles que não podiam custear com as despesas de reedificação nos seus terrenos em prazo relativamente curto. É preciso considerar que, segundo informações de Afonso Costa em seu artigo de 1916, grande parte das habitações urbanas foi destruída com as fortes chuvas que caíram na região em 1914, provocando as cheias dos rios do Ouro e Itapicurú-Mirim. É compreensível que para quem possuía baixa renda e havia perdido suas propriedades com a tragédia ficava praticamente impossível

⁷⁵ COSTA, Afonso. Op. Cit., p. 279.

⁷⁶ Resolução nº 8 de 7/10/1915 das Leis e Resoluções do Conselho Municipal. Ano – 1908 a 1915. Arquivo Municipal de Jacobina.

cumprir o que determinava a resolução. Afonso Costa ainda diz que somente aqueles que possuíam mais riquezas puderam rapidamente promover o levantamento de novas edificações, mas lamenta que “infelizmente sem os ditames da estética das ruas, que devera presidir á feitura de cidades novas”⁷⁷.

Os únicos registros visuais até então conhecidos que possam dar uma idéia do que vinha a ser aquela cidade entre o fim do século XIX e princípio do XX, são algumas fotografias correspondentes à década de 1910 (Imagens 1 e 2). Naquelas imagens é possível perceber os limites da cidade, restritos a uma pequena área, e as cenas internas apresentadas restringem-se ao seu centro, onde se situam as sedes dos domínios religioso, comercial e político, formados pelas igrejas, casas de comércio, feira e intendência. A fotografia, neste caso, cumpre importante papel como indício visual daquilo que poderia ter sido a cidade nas primeiras décadas após sua emancipação. É válido destacar que algumas dessas imagens foram descobertas através do mencionado artigo de Afonso Costa publicado nos anais do Quinto Congresso Brasileiro de Geografia de 1916. Ali, o autor fez uso das fotografias como forma ilustrativa da cidade que ele abordou através das letras. Seguindo uma prática constante na época, as fotografias utilizadas pelo historiador não foram seguidas de análise e nem de crédito de autoria. No entanto, foi possível identificar o nome “Fonseca e Filho”, gravada na imagem, sem restar mais informações sobre a data de sua produção e nem a procedência do fotógrafo.

⁷⁷ COSTA, Afonso. *Minha terra (Jacobina de antanho e de agora)*. In: Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia. Vol. II, 1916, p. 274.



(1) *Cena de feira no Largo Municipal. Sem data. Fotografia não-identificada. Acervo Centro Cultural Edmundo Isidoro dos Santos (fotocópia).*

Rara imagem do centro comercial da cidade, onde funcionava a feira-livre sempre quando estava no domínio político do município o Cel. Ernestino Pires.



(2) *Largo da Matriz. Sem data. Fotografia não-identificada. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina (cópia digitalizada).*

Trata-se de outra rara imagem da área central da cidade, inundada após a enchente do Rio do Ouro, ocorrida em 1914.

Quando Afonso Costa publicou o texto “200 anos depois” ele já morava em Salvador. Nascido “na modesta aldeia de Palmeirinhas”, em 1885, e após passar sua infância entre Jacobina e Morro do Chapéu, o jovem estudante mudou-se para a capital a fim de prosseguir seus estudos e trabalhar. Em Salvador, ele trabalhou intensamente como jornalista e iniciou suas pesquisas autodidatas como historiador⁷⁸. Nesse sentido, será que poderíamos considerar que Afonso Costa estivesse comparando a pequena Jacobina à cidade de Salvador quando afirma que a primeira não tinha a “esthetica das urbs modernas”? É possível que para um jovem

⁷⁸ GAMA e ABREU, Edith Mendes da. *Afonso Costa*. In: Revista do Instituto Genealógico da Bahia. Ano X, n.º 10. Salvador, 1958, pp. 4-19.

que ambicionava formação intelectual, a capital representasse o oposto do que era a pequena e tradicional cidadezinha do sertão baiano. No entanto, a velha Cidade da Bahia, na época, estava distante do que poderia ser chamado de uma “urb moderna”, haja vista que até a década de 1960 sua espacialidade urbana ainda era limitada quando comparada com as grandes cidades brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo ou Porto Alegre. Segundo o sociólogo Antônio Rubim:

(...) A industrialização e a urbanização, traços imanentes do acelerado processo de mutação em curso no século XX brasileiro, em especial a partir da década de 30, não atingiam a Cidade da Bahia que, imune ao progresso, mantinha sua “aura” de ex-capital com seu “malemolente” ritmo, natureza e hospitalidade baianos⁷⁹.

Ainda que não seja o propósito desta dissertação tratar dos aspectos urbanísticos da cidade do Salvador, até porque importantes estudos já foram feitos, faz-se necessário ter em mente algumas dessas questões, mesmo que seja apenas para ter uma dimensão do que representava a Bahia e sua capital em relação a uma pequena cidade do interior do Estado. Prosseguindo com Antônio Rubim, o autor indica que Salvador, até a década de 50, não pôde desfrutar das “dimensões positivas do progresso”, ficando longe da modernidade, vista como nefasta pelos setores da elite da sociedade, carregados de valores enraizados na tradição que, por vezes, nostalgicamente lamentavam a perda de uma época passada de riquezas. Para Rubim, aquela Salvador, de sociabilidade

(...) quase comunitária de uma cidade de dimensões e população reduzidas (por volta de 200 mil habitantes em 1940), marcada pela convivialidade cotidiana e severa de “brancos” e “pretos”, a comunicação interpessoal encontra espaço de realização, apesar das fortes segregações existentes. (...) Um embrionário rádio convive com jornais, de longos narizes de cera, de linguagem mais literária que inscrita em uma formatação jornalística⁸⁰.

Ainda que a cidade viesse, ao longo de todo o século XX, sendo alvo de constantes intervenções e reformas urbanas, como a empreendida pelo governo de J. J. Seabra no início do século, somente na década de 60, durante a gestão do então prefeito indicado Antônio Carlos Magalhães, foi que a cidade passou por suas maiores

⁷⁹ RUBIM, Antônio Albino Canelas. “Comunicação, mídia e cultura” in: Bahia Análise & Dados. *Leituras da Bahia I*. Salvador, Vol. 9, n.º 4, março 2000, p. 75.

⁸⁰ RUBIM, Antônio Albino Canelas. Op. Cit., p. 75.

alterações espaciais, seguindo a trilha de projetos e intervenções anteriores, como o projeto do urbanista Mário Leal Ferreira, que na década de 40 propunha uma expansão futura da cidade com o aproveitamento dos vales e abertura de vias. De acordo com Gilberto Wildberger de Almeida:

(...) Coube a equipe de ACM apenas alguns ajustes e atualizações, para o que veio a ser uma ambiciosa intervenção urbanística, cuja execução mudou a face de Salvador. A classe média logo se entusiasmou com o Prefeito, que não parava de executar obras, dasafogando os antigos e atravancados bairros da cumeada, alargando ruas (como foi o caso da Carlos Gomes), e asfaltando os vales⁸¹.

Enquanto a cidade de Salvador “modernizava” seu território e, por sua vez, seus hábitos e costumes somente nos anos 50 e 60 do século passado, outras capitais, como Rio de Janeiro, São Paulo ou Porto Alegre, já haviam empreendido essas mudanças em épocas bem anteriores. Na Salvador dos anos 50, parte das questões discutidas por políticos, intelectuais ou homens de negócio gravitava em torno do grande dilema do enigma baiano⁸² em que se questionava os motivos do atraso baiano e da sua não inserção nos trilhos da economia mundial, leia-se do capitalismo.

Partindo do pressuposto de que as primeiras reformas urbanas empreendidas na capital baiana tenham ocorrido durante os anos de J.J. Seabra, quando se abriu a grande Avenida Sete de Setembro, demolindo por sua vez inúmeras edificações antigas⁸³, a observação de Afonso Costa para a cidade de Jacobina, quer seja da inexistência da “esthetica das urbs modernas”, podia até ser comparada com a de Salvador na época em que ali morou. É possível até dizer que ele não pôde viver para perceber as transformações por que passou a capital baiana nos anos 60 e

⁸¹ ALMEIDA, Gilberto Wildberger de. *Política e Mídia na Bahia: a trajetória de Antônio Carlos Magalhães*. (tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1999, p. 224.

⁸² Acerca do “enigma baiano” ver: AGUIAR, Manoel Pinto de. “Notas sobre o “enigma baiano”” in: *Planejamento*. Vol. 5, nº 4, Salvador, 1977; OLIVEIRA, Nelson de. “Sob o manto da concórdia: Bahia como contrafação do moderno”. In: OLIVEIRA, Nelson et alli (org). *A outra face da moeda: violência na Bahia*. Salvador, Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador, 2000; BORGES, Eduardo José dos Santos. *“Modernidade negociada”, cinema, autonomia política e vanguarda cultural no contexto do desenvolvimentismo baiano (1956-1964)*. (dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003.

⁸³ A este respeito ver: LEITE, Rinaldo César Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se... ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana*. Salvador, 1912-1916 (dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1996.

tampouco sua pequena cidade, mas pôde ver os exemplos de “urbs modernas”, uma vez que morou no Rio de Janeiro, a então capital do país, para onde foi transferido em 1923 “por força do seu cargo federal” e onde faleceu em 31 de dezembro de 1955⁸⁴. A cidade do Rio de Janeiro já havia passado pelos seus dias de reformas durante a administração do prefeito Pereira Passos desde a primeira década daquele século.

Afonso Costa imaginava para a sua pequena cidade uma onda de “progresso” que fosse acompanhada por uma preservação da sua “feição tradicional”:

Resta, para sua glória, que uma sequencia de administrações laboriosas e honestas sem outra política que o conagraçamento de todos os jacobinenses para a grandeza da terra natal, saiba tirar das terras e das gentes o concurso maior para as sobrelevancias do progresso effectivo e seguro⁸⁵.

A despeito das idéias do seu primeiro historiador, uma das marcas deixadas pela seqüência dos administradores ao longo da década de 50 em diante, foi em grande parte, fazer esquecer aquele passado que lembrava um vilarejo “atrasado”. Na década de 1950, os administradores da cidade promoveram uma contínua série de transformações, iniciada décadas atrás, que alteraram aquela velha feição de vila, e impulsionaram mudanças de hábitos que se fizeram sentir naquela tradicional sociedade.

“Jacobina na senda do progresso”

A segunda metade da década de 50, sob vários aspectos, foi bastante significativa para Jacobina. No plano da fotografia local, foi o período em que Osmar Micucci se afirmou como fotógrafo profissional e que Aurelino Guedes, profissional de larga experiência, após uma longa temporada trabalhando em outros Estados, retornava a prestar seus serviços na cidade ⁸⁶. Os dois fotógrafos aperfeiçoaram técnicas e produziram importantes registros da realidade local. No plano da política, a cidade foi marcada pelas aplaudidas administrações dos prefeitos Orlando Oliveira Pires e

⁸⁴ Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 2 e 3 de janeiro de 1956. in: Revista do Instituto Genealógico da Bahia. Ano X, n.º 10. Salvador, 1958, pp. 24-27.

⁸⁵ COSTA, Afonso. Op. Cit, 281.

⁸⁶ Jornal *Vanguarda* nº 297, de 19 de junho de 1955, p. 1. (*Retornou o fotógrafo Aurelino Guedes*).

Florivaldo Barberino, maiores representantes do grupo liderado pelo deputado Rocha Pires. No plano do urbanismo, a cidade recebeu grandes obras de infraestrutura, fazendo parte das duas administrações um programa responsável pela alteração da fisionomia urbana. No plano demográfico, a cidade passou por um grande crescimento populacional⁸⁷, contribuindo muito para isso o recente ginásio estadual “Deocleciano Barbosa de Castro”, antigo Instituto Senhor do Bonfim, responsável por atrair grande concentração de estudantes da região. Aquele foi o período também da circulação do jornal *Vanguarda*, única imprensa escrita local, que iniciava suas atividades em Jacobina a partir de 1955, após transferir sua sede de Feira de Santana. Por outro lado, naquele ano de 1955, com o falecimento no Rio de Janeiro, do escritor e historiador local Afonso Costa, a elite letrada perdia o seu mais significativo representante atuante fora da cidade. Afonso Costa foi o primeiro a desenvolver um estudo local do município, aonde também utilizou de modo pioneiro a fotografia como documento auxiliar ao relato histórico.

A administração de Orlando Pires foi a grande festejada daqueles anos 50, promovendo na cidade uma sintonia com o espírito dos chamados “anos dourados” vividos no Brasil, principalmente, com o clima político, econômico e cultural do governo JK. Em Jacobina, o jovem engenheiro agrônomo teve seu nome lançado politicamente pelo deputado Francisco Rocha Pires, grande liderança local que mantinha as rédeas do poder desde os anos trinta, ininterruptamente. O falecido músico da cidade, Amado Oliveira⁸⁸, funcionário da prefeitura na época, informou que o deputado Rocha Pires foi pessoalmente ao Rio de Janeiro, então capital do país, em busca de trazer Orlando Oliveira Pires para lançar seu nome candidato à cadeira do executivo de Jacobina. Segundo ele, a pedido de sua mãe, Rocha Pires também o trouxera, passando por Jequié, onde trabalhava como locutor numa rádio local, para servir na prefeitura de Jacobina. O mandato do “prefeito dinâmico” (1955-1959), como foi diversas vezes alcunhado, atravessou a fase de Café Filho a JK, no cenário nacional, e de Antônio Balbino, na Bahia. A administração do prefeito recebeu forte influência do clima modernista vivido pelas grandes cidades e do desenvolvimentismo nacionalista de Juscelino Kubitschek, principalmente com a

⁸⁷ Segundo os censos demográficos a população da cidade em 1950, era de 7.224 habitantes, passando em 1960, para 12.373, crescendo numa proporção de quase 75%. Dados obtidos em: FONSECA, Antônio Ângelo Martins da. *Op. Cit.* p. 141.

⁸⁸ Entrevista com Amado Honorato de Oliveira, realizada em 30 de novembro de 2004.

construção de Brasília. As palavras de ordem no Brasil daqueles “anos dourados” eram “modernidade”, “progresso” e “desenvolvimento”. A febre modernista reinante nas grandes capitais brasileiras na primeira metade do século XX contaminou também pequenas localidades do interior brasileiro. É possível perceber a existência desse clima de euforia em Jacobina, até mesmo antes da ascensão de JK a presidência da República.

Em um artigo, “Jacobina na senda do progresso”, publicado no jornal *Vanguarda*, o poeta Humberto Soares e Silva fez uma abordagem apologética da eleição de três de outubro de 1954, que elegera Orlando Oliveira Pires ao pleito municipal. Para o autor, aquela data era um divisor de águas entre duas fases. Dentre vários aspectos antagônicos entre elas, Soares destacou como exemplos da primeira fase:

as dificuldades intuitivas de urbanismo e aformoseamento da cidade; de ano a ano a corrosão da leviandade, o despropósito firmado nas coisas públicas, a pouca visão das diretrizes de antanho e deficiência das atividades; morte das tradições e da imorredora fé naqueles que a habitam; a contraprodução dos efeitos visíveis e antipáticos; estrutura radical, mocidade transviada, corporação de atraso sem burocracia e conformação; desbarate das virtudes e pendão de consciência...⁸⁹

Em sua abordagem, o autor apresentou uma visão romântica e taumatúrgica da figura do administrador Orlando Oliveira Pires:

mal alçava, êste homem, as escadarias do poder, tudo como que *por encanto*, se modificava. Logo burocraticamente a feição de uma organização moderada e sucinta fez-se notar... Movimento no corpo de funcionário, cuidando de perto o dever e a ocupação... Sinceridade nos atos mais curtos, abandono de propósitos políticos nos mínimos detalhes... Atividade constante, o hando de perto as necessidades urgente de burnir as coisas públicas. Desmanchando os erros pretéritos e transformando as desproporções. Popularidade e autonomia comungadas num só caráter. Justiça e desambição, na *mais acreditada das administrações*⁹⁰.

Esta visão de Humberto Soares é interessante e merecem atenção as suas palavras. Seguindo a mesma esteira do pensamento de Afonso Costa, ele percebeu uma pretérita cidade atrasada em vários aspectos. No plano físico e estético, foi vitimada pelas experiências “intuitivas de urbanismo” dos seus administradores. No plano administrativo, carecia de uma estrutura burocrática do seu corpo de funcionários, sem visão da coisa pública, daí sua “contraprodução”, antagônico ao modelo das cidades modernas. No aspecto cultural, as tradições foram condenadas

⁸⁹ Jornal *Vanguarda* nº 290, de 1 de maio de 1955, p. 3. (*Jacobina na senda do progresso*).

⁹⁰ Idem, p. 3. (grifos do autor).

à morte e a auto-estima de seu povo estava imobilizada. No entanto, a crença inabalável no progresso fez com que o autor acreditasse em dias melhores, os quais, em sua opinião, já haviam começado, ainda que “por encanto”, pelas mãos do prefeito Orlando Oliveira Pires, após a vitória nas eleições do dia três de outubro de 1954.

A crença no progresso que motivou uma elite letrada, como Afonso Costa e Humberto Soares e Silva, a prognosticar dias melhores para a cidade, na concepção de muitos contemporâneos, foi materializada pelas ações do prefeito Orlando Oliveira Pires. Ao longo de todo seu mandato, o jornal *Vanguarda* se colocou como porta-voz daquela fase progressista na cidade. É o que se vê, por exemplo, em uma edição de 1956:

Depois de alguns anos de decadência e de outros de estagnação, Jacobina retomou – de dois anos para cá – o caminho do soerguimento e do progresso.

Confrontando-se a sua situação de há dois anos com a atual, verifica-se uma notável modificação em prol do seu desenvolvimento material, social e cultural. [...]

Assim, depois de longos anos de inércia, esta bissecular cidade envereda pela senda do progresso; progresso êsse que ela deve, em grande parte, à instalação do Ginásio Estadual e ao dinamismo administrativo do seu jovem prefeito, dr. Orlando Oliveira Pires, que, em menos de um ano de governo, já realizou inúmeros e importantes melhoramentos na sede e nos distritos⁹¹.

Nota-se no jornal, que a cidade havia entrado no ritmo do desenvolvimento há dois anos, justamente com a instalação do Ginásio Deocleciano Barbosa de Castro e com a administração do prefeito Orlando Oliveira Pires. Na visão dos contemporâneos, a cidade vivia seu afã do progresso e entrava na tão sonhada modernidade acalentada por Afonso Costa. No entanto, ainda que aquele tão festejado “desenvolvimento material, social e cultural” estivesse distante dos padrões modernos das grandes cidades, os seus espectadores ansiosos sentiram e perceberam aquelas mudanças ocorridas como sintomas da modernidade. Essa também foi a mesma percepção observada por Sandra Jatahy Pesavento, ao analisar diversas representações da cidade de Porto Alegre nos anos 30:

Mesmo que o processo de renovação urbana em curso não se aproximasse, em termos de escala, do das metrópoles reais que suportam o conceito, a população afetada pelas demolições vivenciava a situação como pertinente

⁹¹ Jornal *Vanguarda* n.º 330, de 11 de fevereiro de 1956, p. 1. (*Jacobina retomou o caminho do progresso*).

ao acesso à modernidade. Em suma, os porto-alegrenses sentiam a sua cidade como metrópole e a representavam como tal em crônicas de jornais, poesias, imagens e discursos variados⁹².

Para a historiadora, o discurso imaginário ganhou força de realidade em Porto Alegre, mesmo sem corresponder efetivamente com o real concreto, a “sensibilidade fazia com que a representação imaginária ganhasse força de realidade”⁹³.

Em Jacobina, processo semelhante ocorreu, principalmente entre fins dos anos 50 e início dos 60. Alguns espectadores privilegiados, como os fotógrafos e parte de sua elite letrada, traduziram aquelas transformações urbanas ocorridas na cidade através de imagens, nas quais se permitem identificar seus “acessos à modernidade”. Dentre as obras dos fotógrafos da época, a de Osmar Micucci merece destaque. Suas fotografias abarcam, de maneira panorâmica e pontual, aspectos multifacetados da fisionomia urbana.

“Vistas da cidade”: modernização da fisionomia urbana

Walter Benjamin foi um grande leitor de imagens urbanas. Para Willi Bolle, a contribuição específica de Benjamin na arte de escrever história com imagens, foi na construção da fisionomia da metrópole moderna.

Genericamente falando, a fisiognomia benjaminiana é uma espécie de “especulação” das imagens, no sentido etimológico da palavra: um exame minucioso de imagens prenhes de história. Ela tem sua razão-de-ser na especificidade do seu pensamento, que se articula não tanto por meio de conceitos e sim de imagens⁹⁴.

Benjamin foi buscar nos poemas de Baudelaire imagens da multidão, dos bulevares, do *flâneur*, do dândi, da prostituta, da passante, do trapeiro, usando as lentes do poeta para revelar a modernidade na Paris do Segundo Império, no século XIX. O método da história empreendido por Benjamin foi de cunho investigativo e suas fontes foram os poemas. Ele soube inquirir, com perspicácia de detetive, as mensagens presentes na literatura, possibilitando-lhe enxergar imagens variadas

⁹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Muito além do espaço: Por uma história cultural do urbano”. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, p. 285.

⁹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Idem, p. 285.

⁹⁴ BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 42.

das fisionomias do mundo capitalista e trágico da grande cidade moderna. Inspirado nos textos de Poe, Engels, Balzac, Hugo, Baudelaire, Goethe, e nas “fisiologias”, gênero literário francês do início do século XIX, Benjamin construiu seu modelo de observação urbana, buscando nas construções artísticas as marcas da modernização urbana em locais como Paris, Londres e Berlim.

Diferente da constituição física das grandes cidades, e da trajetória histórica de uma Paris, por exemplo, em Jacobina, os impactos da modernização ocorridos nos anos 50 do século passado seguiram caminhos singulares. No entanto, dentro das especificidades do local, como já foi dito anteriormente, a sua população percebeu tais impactos em suas vidas cotidianas como efeitos da modernidade. Nesse sentido, procurou-se identificar nas fotografias a presença dessas imagens na reconhecida modernidade jacobinense.

Foram nas fotografias, especialmente de Osmar Micucci, que se buscaram as marcas das transformações ocorridas na fisionomia urbana de Jacobina. Em vários aspectos, os olhares fotográficos foram relacionados aos textos jornalísticos da época. Esse cruzamento de imagens sinalizou pistas que levaram à compreensão do perfil de modernização nas obras empreendidas na antiga cidade.

Para se ter uma idéia das transformações ocorridas no espaço urbano de Jacobina, na segunda metade da década de 50, esta imagem aérea, de 1958, é bastante esclarecedora para se ter idéia do que representava a cidade na época. Em primeiro lugar, é bom ter em conta que em 1955 os limites do centro administrativo, comercial e religioso da cidade estavam circunscritos a uma pequena área ao lado direito do Rio Itapicurú-Mirim (1), formada por algumas ruas próximas às suas principais praças: a Castro Alves (3), onde se localiza a Igreja Matriz e os casarios mais antigos da urbe; a Rio Branco (5), onde funcionava a sede do executivo e legislativo e o seu principal centro comercial; e a Dois de Julho (6), ainda sem beneficiamento de infra-estrutura, principal via de expansão urbana na direção oeste.



(3) Vista área de Jacobina. 1958. Autor não identificado. Acervo Laboratório Cartográfico (UNEB-Jacobina).

1. Rio Itapicurú-Mirim 2. Rio do Ouro 3. Praça Castro Alves 4. Ponte Manoel Novais 5. Praça Rio Branco 6. Praça 2 de Julho 7. Largo da Estação 8. Ginásio Estadual 9. Ponte de madeira.

No segmento esquerdo do Rio Itapicurú-Mirim estavam localizados, entre os principais vetores da expansão urbana para aquela direção, a estação de trem (7), onde funcionava nas suas imediações um centro comercial de armazéns de cereais e demais produtos agrícolas, e o ginásio “Deocleciano Barbosa de Castro” (8), importante centro educacional da região. Ainda em 1955, aquela área carecia de serviços básicos, como saneamento e pavimentação nas suas principais ruas. As vias de acesso entre as duas áreas da cidade eram as pontes Manoel Novais (4), erigida em 1937, e uma outra de madeira (9), conhecida pela população como “Picula”, que sempre quando chovia e transbordava o Rio Itapicurú-Mirim ficava

intransponível. Foi somente em 1960, na administração do prefeito Florivaldo Barberino (1959-1963), que uma ponte de concreto armado foi construída.

Acompanhando a expansão urbana de Jacobina entre os anos de 1955 a 1963, o fotógrafo Osmar Micucci produziu um conjunto de fotografias panorâmicas em que demonstrava tanto o seu olhar atento de espectador da cidade quanto a atitude documentarista de garantir para a população local os registros daqueles momentos de transformação da sua paisagem.

Na sua investigação das imagens urbanas, Walter Benjamin comenta sobre a presença dos “panoramas”⁹⁵ na Paris de Baudelaire, inclusive, percebendo no escritor uma atitude panorâmica de olhar a cidade. Essa marca distintiva, que ficou impressa em uma variedade de textos literários da época, foi vista pelo autor como “uma literatura panorâmica”. Composta de livros populares, esta literatura ocupou espaço significativo nas ruas de Paris, locais onde os autores passeavam vendendo seus exemplares. Dentre os gêneros, Benjamin chama a atenção para as “fisiologias”, que eram “fascículos de aparência insignificante, e em formato de bolso”⁹⁶. As fisiologias ocupavam-se em descrever os variados tipos humanos da cidade, das elites aos populares, e mais tarde da própria Paris.

Seguindo uma tradição de fisionomias urbanas, o fotógrafo Aurelino Guedes produziu em Jacobina um pequeno álbum com uma vista panorâmica da cidade, em 1957, composta de cinco fotografias (Imagem 6). Com o mesmo enquadramento e estrutura de montagem feita pelo fotógrafo Juventino Rodrigues, em 1948 (Imagem 5), e por outra panorâmica anterior (Imagem 3), Guedes produziu do mesmo local uma imagem em que se visualiza a cidade em grande ângulo. As raízes da tradição de vistas panorâmicas em Jacobina remontam ao início do século, de quando foi encontrada uma fotografia publicada no artigo de Afonso Costa, ou seja, meio século atrás e após mais de um século dos primeiros panoramas que se tem notícia, em

⁹⁵ “A palavra **panorama** foi originalmente cunhada pelo pintor irlandês Robert Barker para descrever suas pinturas panorâmicas de Edimburgo. Mostradas em uma superfície cilíndrica e vistas de dentro, elas eram exibidas em Londres, em 1792, como “O Panorama”. No século XIX, pinturas e modelos panorâmicos tornaram-se formas muito populares de representar paisagens e eventos históricos”. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fotografia_panor%C3%A2mica [acessado em 25/05/2007]

⁹⁶ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas vol. III. 2 ed. Tradução José Carlos M. Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, p. 33.

1840, na Europa. Aqui no Brasil, a moda dos panoramas ocorreu na segunda metade do século XIX, através de fotógrafos como Militão Augusto de Azevedo, em São Paulo, e Marc Ferrez, no Rio de Janeiro, e do inglês Benjamin Mulock, em Salvador.



(4) *Panorama de Jacobina. Década de 1940. Autor não identificado. Acervo do Centro Cultural Luis Eduardo Magalhães. (Fotocópia).*



(5) *Panorama de Jacobina. 1948. Foto Juventino Rodrigues. Acervo particular Lindenício Ribeiro. (Reproduções em cópias 10x15cm).*



(6) *Panorama de Jacobina. 1957. Foto Aurelino Guedes. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina. (Cópia digitalizada)*



(7) *Panorama de Jacobina. 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativos 6x6 cm).*

Entre os primeiros arquivos de Osmar Micucci, em 1956 foram encontrados vários negativos onde se percebe uma preocupação do fotógrafo em registrar a cidade do alto e de forma panorâmica. Micucci procurou explorar o tema de vários ângulos, ao contrário dos dois outros fotógrafos da cidade. Entre os negativos do arquivo “vistas 1958 e 1959” foi possível identificar alguns que, depois de juntos, formaram vistas panorâmicas. Em uma delas (Imagem 6) o autor dialoga com as imagens

panorâmicas de Aurelino Guedes e Juventino Rodrigues, e na outra (Imagem 7) produziu uma das raras imagens da área sul da cidade na época. Nesta última se pode observar a existência das duas ruas principais que ligavam à estação de trem e ao ginásio estadual. Nota-se, no canto direito que a Ponte Francisco Rocha Pires estava em fase de construção, o que indica que esta imagem tenha sido feita no ano de 1960. Em outro acervo do fotógrafo, se constata que ele documentou aquelas obras de construção na cidade (Imagem 18 do anexo).



(8) Panorama de Jacobina. 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativos 6x6 cm).

Sugerindo uma comparação com as imagens precedentes, tudo indica que Micucci quis demonstrar a evolução urbana depois de mais de uma década na cidade. Naqueles festivos anos de modernização na cidade, os diálogos com o passado feitos através das fotografias serviam tanto para demonstrar as alterações da fisionomia urbana, quanto a evolução técnica do próprio artefato fotográfico.

Adentrando o espaço interno da cidade naquele período, Osmar Micucci foi o autor cuja obra pode-se considerar a mais “panorâmica”. Entre centenas de fotografias, produzidas para prefeitura, terceiros ou até pela percepção espontânea, ele deixou um grande conjunto de imagens que narram os aspectos das modernizações vividas pela cidade. Ele foi o fotógrafo mais atento às transformações ali ocorridas, tanto no aspecto público quanto particular, sendo também o que mais prestou serviços para as administrações municipais, a começar pela de Orlando Oliveira Pires, o “dinâmico prefeito”.

Em seu texto, Walter Benjamin deixa crer que dentro da aventura da modernidade a figura do herói ocupa lugar de destaque. É ele “o verdadeiro objeto da modernidade. Isso significa que, para viver a modernidade, é preciso uma constituição heróica”⁹⁷. O autor enxergou, através dos escritores do século XIX, as figuras heróicas nas grandes cidades modernas, diferente dos antigos heróis. Nelas, os heróis estavam entre o proletariado urbano, ou seja, entre aqueles que enfrentavam as dificuldades oferecidas pela modernidade nas ruas e fábricas. No entanto, em uma cidade de tradição social elitista e conservadora como Jacobina, a referência dos heróis no imaginário cultural foram encarnados entre os indivíduos oriundos de famílias tradicionais e que reunissem virtudes como a dinamicidade, a energia, a coragem e a inteligência. Enquanto nas suas origens o mito do herói foi personificado na figura do bandeirante que, com sua atividade desbravadora, abriu caminhos para a civilização branca numa terra de “selvagens”, naqueles anos 50, setores da população local elegeram o prefeito Orlando Oliveira Pires como o herói daqueles tempos. Na acepção da palavra, ele foi, para muito habitantes, o responsável por destravar as rodas do progresso na cidade.

Orlando Pires teve a seu favor vários fatores que colaboraram para emplacar o estigma de “prefeito dinâmico”. Seu mandato foi exercido dentro da atmosfera política dos “anos dourados” de JK, após um período considerado de estagnação na cidade. Como administrador, sua imagem foi associada, sub-repticiamente, à do presidente JK, visto como homem dinâmico e de ação. Orlando Pires, durante sua gestão, recebeu a visita do presidente na cidade, fato que contribuiu ainda mais para o seu prestígio e a associação de idéias. O jornal *Vanguarda*, durante os anos do seu governo, foi uma mídia de comunicação aliada na promoção da sua imagem, fazendo uso de sua fotografia oficial em várias edições e de constantes elogios à sua administração. A criação da personalidade heróica de Orlando Pires pode ser percebida, por exemplo, quando o poeta Humberto Soares atribuiu à sua gestão um divisor de águas na história da cidade e sua ascensão ao poder como gerador de mudanças “por encanto”. Deixando de lado os exageros, o prefeito teve também a seu favor o fato de pertencer a uma família de tradição política na cidade. Foi durante os anos de Orlando Pires como gestor público que Jacobina passou por

⁹⁷ BENJAMIN, Walter. *Op. Cit.*, p. 73.

uma série de intervenções públicas, contribuindo profundamente para a alteração da sua feição urbana.

Em sua dissertação de mestrado, Ângelo Fonseca faz uma pequena abordagem sobre a evolução urbana de Jacobina no período em questão. Para o autor,

Os investimentos aplicados na região, apesar de estarem vinculados ao desenvolvimento da agricultura, repercutiram diretamente no espaço urbano de Jacobina (...) entre 1950 e 1960, a prioridade foi para a instalação de serviços de infra-estrutura como redes de drenagens e terraplanagens, inclusive nas encostas das serras⁹⁸.

Dentro da administração de Orlando Pires a construção da Avenida Beira-Rio foi uma das obras mais significativas no aspecto da infra-estrutura e que contribuiu de forma decisiva para a alteração da feição urbana de Jacobina. Contando com amplos recursos do Governo Federal, através da Superintendência do Vale do São Francisco, o jovem prefeito realizou aquela que foi sua maior realização administrativa. Criando uma imagem de prefeito enérgico e político habilidoso, o jornal *Vanguarda*, ainda no início das obras apresentou o empenho de Orlando Pires para realizar “a abertura de uma nova Avenida em que será contruída cêrca de uma centena de modernos prédios residenciais”⁹⁹.

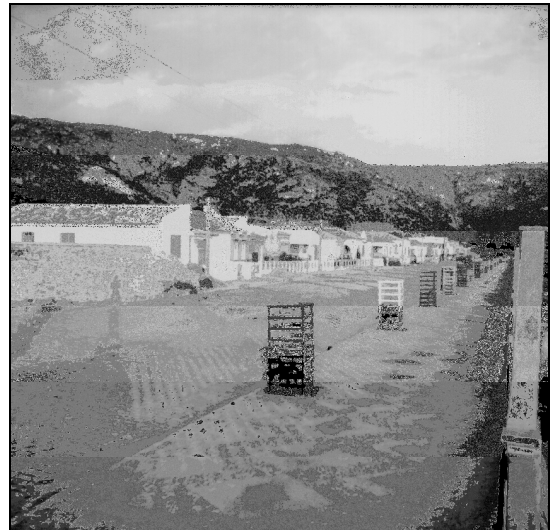
A abertura de avenidas nas grandes cidades já era do conhecimento da elite letrada de Jacobina. As intervenções vividas por Paris, Rio de Janeiro e Salvador, certamente faziam parte do desejo modernista de muitos que almejavam fazer daquela pequena cidade um modelo de civilidade no sertão baiano. O próprio prefeito Orlando Pires já conhecia de perto as experiências da capital baiana e da brasileira na época. No entanto, a abertura da nova avenida em Jacobina não se deu com a derrubada de velhos casarões seculares, como em Salvador e Rio de Janeiro. Ali foi preciso construir o novo, indenizando vários terrenos dos fundos das residências das ruas Rio Branco e Coronel Teixeira, e vendendo lotes aos particulares interessados na construção de residências na Avenida Beira-Rio, com suas frentes voltadas para o Rio Itapicurú-Mirim¹⁰⁰.

⁹⁸ FONSECA, Antônio Ângelo Martins da. *Op. Cit.* p. 143.

⁹⁹ Jornal *Vanguarda* n.º 330, de 11 de fevereiro de 1956, p. 1. (*Jacobina retomou o caminho do progresso*).

¹⁰⁰ Jornal *Vanguarda* n.º 314, de 18 de outubro de 1955, p. 4. (*Prefeitura Municipal de Jacobina - Convite*).

Acompanhando todo o processo de construção na avenida na época, o fotógrafo Osmar Micucci documentou o desenvolvimento da nova artéria da cidade ao longo dos anos, produzindo várias imagens das obras da infra-estrutura à pavimentação da rua e do passeio público e das construções das residências particulares.



(9-12) Avenida Beira-Rio ao longo da segunda metade da década de 50. Fotos: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativos 6x6 cm).

A preocupação com a estética das ruas e praças era sempre um imperativo entre os defensores da modernização em Jacobina, e naqueles anos 50 não foi diferente, aludindo ao que afirmou Annateresa Fabris em seu estudo sobre os cenários das ruas no Rio de Janeiro do início do século. Para a autora:

Se a modernidade é sinônimo de aparência, não admira que João do Rio faça da rua o lugar por excelência da vida nervosa. Lugar democratizador, no qual

todos se descobrem iguais, no qual as diferenças se apagam, a rua é o verdadeiro cenário da modernidade¹⁰¹.

Em Jacobina, o discurso da aparência e do asseio público foi o que motivou, por exemplo, o jornal *Vanguarda* a ser o porta-voz do discurso higienista e modernizante, colocando na pauta daquele momento a necessidade de começar pelas ruas a modernização dos espaços. Principalmente suas principais ruas, que até o final da década de 50 não possuíam pavimentação, ou eram de pedras disformes, estando fora do padrão estético desejado pelas elites locais. Para o jornal, não era condizente com uma cidade que se dizia moderna e civilizada a permanência de esgotos abertos em suas principais ruas sem pavimentação, como a 24 de Outubro e a Coronel Teixeira, a “Baixa dos Sapateiros” de Jacobina. Afinal, que péssima impressão não levaria o visitante que trafegasse por tais vias? Uma das tônicas do discurso desta imprensa era com a necessidade da solução dos esgotos na cidade, principalmente nas suas artérias centrais, visto serem áreas de circulação das elites e visitantes¹⁰².

No primeiro ano de seu mandato, Orlando Pires em nome do asseio público e da estética moderna colocou tambores de lixo nas “principais ruas”, distribuiu fardamento aos garis, reiniciou e inaugurou o calçamento com paralelepípedos da Rua Senador Pedro Lago, da Praça Rio Branco e ainda iniciou a pavimentação da Rua Cel.



(13) Garota na Praça Rio Branco. 1955. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Teixeira. O prefeito, inclusive, baixou ato proibindo o tráfego de carroças com rodas de ferro pelas ruas pavimentadas da cidade¹⁰³. Os reflexos daquelas obras se

¹⁰¹ FABRIS, Annateresa. *Fragments Urbanos: Representações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 2000, p. 56.

¹⁰² Jornal *Vanguarda* nº 293, de 22 de maio de 1955, p 1. (*Jacobina e o problema dos esgotos*).

¹⁰³ *Vanguarda* nº 301, de 17 de julho de 1955, p 1. (*Proibido o trânsito de carroças com rodas de ferro*).

fizeram sentir nas páginas do jornal *Vanguarda*¹⁰⁴ e em algumas fotografias da época. Seguindo a prática do seu discurso, o jornal teceu palavras de elogio ao jovem administrador, como sendo aquele “dinâmico prefeito” que esteve “preocupado com os estudos dos múltiplos problemas da nossa comuna”¹⁰⁵.

Em algumas imagens de Osmar Micucci se percebe a intenção do fotógrafo em chamar a atenção para a presença daquelas obras na estética das ruas de Jacobina. Em uma fotografia de 1955, por exemplo, onde o fotógrafo registrou uma garota em pé diante do cais da Praça Rio Branco, nota-se que apesar de dela ser o assunto principal da foto, ele enquadrando a cena de maneira que fosse possível abordar em perspectiva a novidade do urbanismo no centro da cidade. A nova praça havia sido inaugurada no ano anterior pelo prefeito João Batista Freitas de Matos enquanto a conclusão do calçamento havia sido obra de Orlando Pires. Um detalhe

da imagem, que demonstra o caráter iniciante do jovem fotógrafo, é a sombra da sua presença refletida no canto esquerdo da foto. Em outra fotografia, datada como 1956, o enquadramento feito pelo autor merece também a atenção. Ali ele destaca metade de uma cena com pessoas na Praça Rio Branco para a rua deserta, onde se nota seu calçamento com paralelepípedos, sugerindo uma alusão à sua recente inauguração¹⁰⁶. Percebe-se que neste aspecto os discursos do jornal e das fotografias de Micucci estão em



(14) Praça Rio Branco. 1956. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

conformidade quanto às novidades estéticas das ruas da cidade.

A obra de Micucci nas ruas de Jacobina é bastante significativa. Nelas o fotógrafo produziu inúmeras imagens onde deixa perceber o seu olhar para as representações

¹⁰⁴ Jornal *Vanguarda* nº. 295, de 5 de junho de 1955, p. 1. (*Tem Melhorado o Asseio da Cidade*).

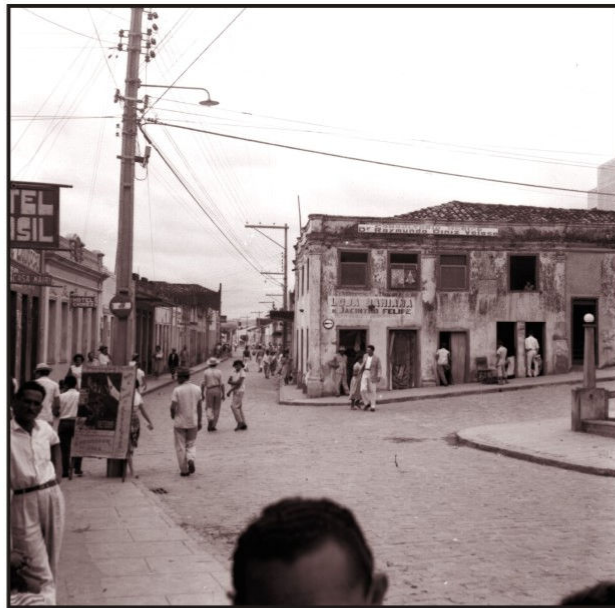
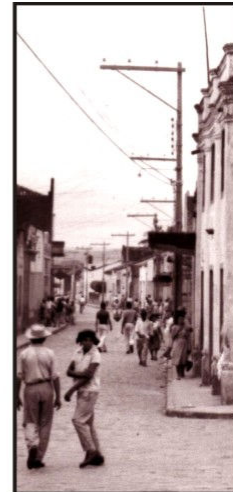
¹⁰⁵ Jornal *Vanguarda* nº. 297, de 19 de junho de 1955, p. 1. (*O Prefeito Começa a Executar o Seu Programa Administrativo*).

¹⁰⁶ Jornal *Vanguarda* nº. 322, de 10 de dezembro de 1955, p. 1. (*Inaugurados os Calçamentos*).

do universo sagrado e profano da cidade. Em algumas delas é possível identificar as próprias ruas como objetos centrais, onde se percebem as fisionomias urbanas singulares de uma cidade do interior baiano no contexto dos “anos dourados”. Tal qual um João do Rio, ele perscrutou os quatro cantos da cidade, pescando imagens para compor a sua leitura panorâmica da cidade.

Imagem como a da Avenida Coronel Teixeira é surpreendente porque se nota um olhar impressionista do fotógrafo para a cidade em movimento. Em uma das suas mais agitadas ruas daquele contexto, o fotógrafo apresenta um clima de burburinho típico das tranqüilas cidades interioranas, com pessoas em movimentos, paradas e conversando nas ruas vazias de veículos automotivos. Por outro lado, a fotografia, como indício visual, deixa transparecer a existência de signos que remetem a ícones da modernidade, pautada na circulação de povos e culturas¹⁰⁷ como, por exemplo, visto nas placas dos hotéis, estabelecimentos comerciais e cartazes fazendo referências a aspectos locais e globais. Ali se nota o *Hotel Brasil* no seguimento do *Hotel Chinez*; a *Casa Mairi* em frente à *Loja Bahiana*; e no cartaz da programação do Cine Payayá, a exibição de um espetáculo de jazz. Os postes de luz indicam a existência de energia elétrica naqueles logradouros e as ruas pavimentadas com uma “boca de lobo” apontam que aquela área já contava com obras de infra-estruturas do urbanismo. Os cartazes políticos dos candidatos Lott e Jango para presidente e vice, respectivamente, sugerem o período do registro fotográfico.

¹⁰⁷ Marshal Bermann diz que “a experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido pode dizer-se que a modernidade une a espécie humana”. In: BERMANN, Marshall. *Tudo o que é sólido se dissolve no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Ana Tello. Lisboa: Edições 70, 1982, p. 15.



(15) Vista para a Avenida Cel. Teixeira. 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Foram praticamente durante as administrações de Orlando Pires e Florivaldo Barberino que as expansões desses aspectos urbanos ganharam impulsos para outras áreas da cidade. No plano urbanístico, algumas construções e serviços inaugurados, acentuados ou iniciados durante estas administrações contribuíram como vetores de expansões, promovendo a urbanização para áreas mais afastadas do centro administrativo. A este respeito merecem destaques o aeroporto,

inaugurado em 1957 e o matadouro, em 1962, colaborando para a expansão em direção ao segmento oeste, ali surgindo novos bairros, como Caeira e Catuaba. Com o Ginásio Deocleciano Barbosa de Castro, transformado em instituição estadual em 1954; a construção do estádio de esportes em 1957; o Hospital Regional, nos anos sessenta, bairros como Serrinha, Índios e Perú foram cada vez mais se dinamizando e promovendo a expansão de residências e ruas em direção ao sul, ou seja, ao lado direito da margem do Rio Itapicurú-Mirim, reforçando para isso a construção da Ponte Francisco Rocha Pires, em 1960. Através de obras como a Usina Termoelétrica, de 1957, e construção da Praça Miguel Calmon, em 1962, a expansão urbana ganha a direção ao bairro da Bananeira, segmento leste da cidade. Em 1959, com a construção, no alto da serra, de uma caixa reservatória de água para o abastecimento na cidade, houve a partir dali um espontâneo adensamento de residências que mais tarde levaria ao surgimento do Bairro da Caixa D'água. Aliados a isso, foram construídas e reformadas algumas praças e diversas ruas pavimentadas, contribuindo para o incremento do projeto modernizador promovido pelas duas administrações.

Percebe-se então como aquela cidade que iniciara a década de cinquenta com o perfil de vila, chegava aos anos sessenta com uma rede de obras de infra-estrutura responsáveis pela modelagem de sua fisionomia urbana. Muitas destas obras foram realizadas com recursos advindos do governo federal, pela Comissão do Vale do São Francisco (Imagem 12 dos anexos). Através da intervenção política do deputado federal Manoel Novais, inserindo o município de Jacobina neste programa, muitos recursos foram adquiridos para construções e reformas do plano urbanístico da cidade.



(16) Vista panorâmica da cidade. Década de 1960. Foto: Osmar Micucci.
Acervo particular da Família Guerra.

No entanto, aquele projeto modernizador não foi obtido sem a existência de conflitos. Uma cidade que almejava imprimir um programa civilizatório, carecia garantir uma intensa transformação na sua fisionomia urbana e promover uma reforma nos hábitos de sua população, principalmente aquela de baixa renda, que insistia em manter preservadas suas tradições. As elites comemoravam o fato de a cidade entrar na “senda do progresso”, mas não viam com bons olhos as permanências daqueles antigos hábitos culturais no centro da cidade. As marcas destas práticas e os embates promovidos pelo poder público estão presentes nas imagens fotográficas e nas páginas dos jornais da época, muitas vezes de forma dissonante.

Práticas culturais na “cidade civilizada”

Os anos da administração de Orlando Pires foram marcados pelas tentativas, através da lei, de normatizar as práticas culturais na cidade. Fazendo uso do Código de Posturas ou de diversos atos, o prefeito procurou coibir antigos costumes populares que iam de encontro ao programa de modernização nas ruas. Neste aspecto, E. P. Thompson desenvolveu sobre a Inglaterra dos séculos XVIII e XIX

importantes estudos a respeito das pressões dos grupos oriundos de setores dominantes para “reformatar” culturas populares com imposições de normas do alto para baixo. No entanto, para ele “as pressões em favor da ‘reforma’ sofriam uma resistência teimosa”¹⁰⁸. Neste estudo é demonstrado como em Jacobina o poder público tentou implementar seu programa “civilizatório”, ao passo que se percebem nas fotografias como os grupos “insubordinados” procuravam garantir a manutenção de seus costumes através de várias práticas na cidade. Essas imagens podem ser vistas contrapostas nos olhares fotográficos de Osmar Micucci e nas páginas do jornal *Vanguarda*.

Ainda que não existam estudos de fôlego sobre os aspectos culturais em Jacobina entre os anos abordados por esta dissertação, pode-se inferir, tendo por base as informações obtidas através das fotografias, do jornal *Vanguarda*, das entrevistas orais e de alguns estudos que tratam da cidade, que neste contexto a sua sociedade ainda tinha forte ligação com o mundo rural. O grande contingente populacional que chegava à cidade era na sua maioria oriundo da zona rural. Segundo Ângelo Fonseca

a região de Jacobina, nesse período, era predominantemente agrícola, com a população mais concentrada na zona rural. Apesar de começar a se especializar mais no setor terciário, que tem caráter eminentemente urbano, chega ao final da década de 60, predominantemente rural¹⁰⁹.

É provável que esse predomínio rural tenha sido um aspecto marcante na formação cultural da cidade, pautado em costumes ligados ao universo agrário e mineiro, com suas histórias, práticas religiosas, festividades e sociabilidades. No entanto, ver-se-á que esses costumes estavam em permanente processo de mudanças e disputas no espaço da cidade. Foi neste sentido que Thompson, estudando os trabalhadores na Inglaterra, disse que “o costume era um campo para a mudança e a disputa, uma arena na qual interesses opostos apresentavam reivindicações conflitantes”¹¹⁰. No caso de Jacobina, ver-se-á também que, enquanto uma elite letrada estava preocupada em inserir a cidade nos moldes de uma urbe moderna, muitos dos seus habitantes mantinham antigos costumes ligados ao universo rural.

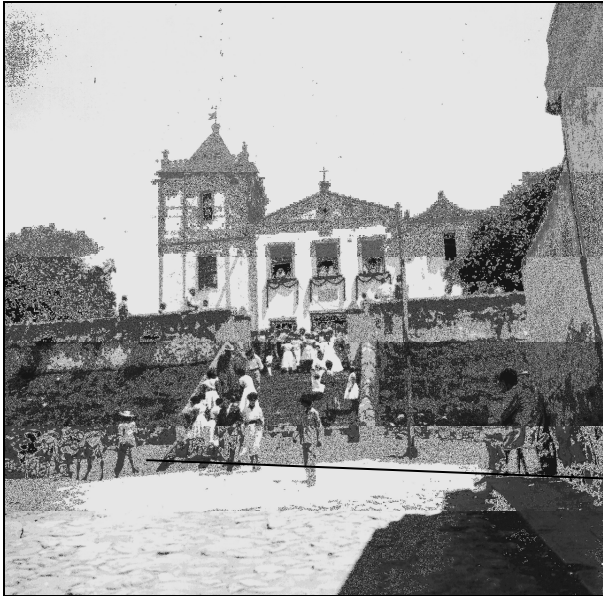
¹⁰⁸ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Tradução Rosaura Eichemberg. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998, p. 13.

¹⁰⁹ FONSECA, Antônio Ângelo Martins da. *Op. Cit.*, p. 141.

¹¹⁰ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.*, pp. 16-17.

“Anti-civilidade” nas ruas

Observemos uma fotografia de Osmar Micucci, feita durante os primeiros anos de sua atuação como fotógrafo profissional na cidade. Ela foi obtida do seu acervo particular, entre os negativos do arquivo intitulado “vistas da cidade”, de 1956.



(17) *Cena em frente à Igreja da Conceição e detalhe. 1956.*

Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Esta fotografia pode ser considerada como um registro do cotidiano da Jacobina dos anos cinquenta. Nela se nota que era dia de festa religiosa, provavelmente a de Nossa Senhora da Conceição, data em que a Igreja da Conceição é adornada para as missas realizadas. Na imagem, grupos de pessoas descem e sobem as escadarias da vetusta arquitetura religiosa; no entanto, chama a atenção dos passantes, abaixo da escadaria, a cena do canto esquerdo da foto, com animais transportando cargas, sendo conduzidos por uma pessoa. Cenas como esta, até então vistas como normal nas ruas da cidade, passaram a ser consideradas como práticas de costumes que iam de encontro ao projeto civilizatório e de modernidade que a urbe se orgulhava de viver.

Durante os anos 50 era um costume a criação de animais na cidade. Como as casas possuíam quintais, era normal que seus moradores, muitos destes oriundos ou ligados à zona rural, criassem porcos, cabras, cavalos, jumentos e galinhas. Como a cidade não contava com serviços de água encanada, contam seus habitantes mais antigos que a população se abastecia com a água do Rio do Ouro, transportada em

vasilhames por jumentos¹¹¹. Pelo visto, o condutor dos animais da fotografia era um remanescente desses costumes. Provavelmente, ele habitava as ruas acima do perímetro da Igreja da Conceição, onde seus moradores eram provenientes, em sua grande maioria, da zona rural. Quando assumiu a cadeira municipal e no decorrer de sua administração, o prefeito Orlando Oliveira Pires empreendeu uma intensa campanha de combate às práticas de criação de animais no perímetro urbano. No Código de Posturas do município, de 1933, existem diversos artigos que destacam a preocupação com essa prática recorrente, vista como contrária ao projeto de fazer da pequena cidade um ambiente “civilizado”. O jornal *Vanguarda* foi um profundo crítico de muitas destas posturas adotadas por esses habitantes na cidade. Desde a sua instalação em Jacobina ele foi um ardoroso colaborador da campanha promovida pela prefeitura. Entre os seus primeiros exemplares na cidade, existe um destaque para a iniciativa da prefeitura em apreender os animais soltos na rua:

Depois de ter dado um prazo razoável aos donos de animais criados soltos no perímetro urbano, o dr. Orlando Pires, atual prefeito deste Município, acaba de dar ordem aos auxiliares da fiscalização no sentido de apreender qualquer animal que seja encontrado solto nas ruas da nossa urbe, fazendo cumprir, deste modo, o Código de Posturas.

Esta é sem dúvida, uma das medidas úteis que s.s. vem tomando em benefício da coletividade¹¹².

Este tipo de medida tomada pelo prefeito, embora impopular, principalmente considerando o fato de que grande parte daquela população possuía o hábito de criar animais e trabalhar com eles nas ruas da cidade, foi atitude elogiada pelo jornal. Sendo um porta-voz do discurso progressista e civilizatório, a imprensa local justificava tal medida como tentativa de garantir o *status* de cidade moderna almejada por muitos, sem deixar de mencionar o caráter legalista do ato municipal, respaldada no Código de Posturas.

Não obstante a campanha, os habitantes continuavam a reincidir na ilegalidade, ainda que pudesse contar até com a crítica de moradores, muitas vezes vizinhos dos infratores, como em matéria que anuncia a permanência desses atos na Rua Duque de Caxias, onde os animais vão pastar durante a noite “perturbando o sossego

¹¹¹ Conforme informação em entrevista com Benigno Neves, citado no trabalho de Neemias Oliveira da Silva. *O “vivo demônio” e o cotidiano: Jacobina em tempos de cinema – 1950-1960*. (monografia de graduação) Jacobina UNEB, 2002, p.15.

¹¹² Jornal *Vanguarda*, nº 291, de 8 de maio de 1955, p. 1. (*A Apreensão de animais soltos*).

público”. O jornal apela para os proprietários dos animais colaborarem com a administração local, “no sentido de dar a Jacobina um melhor aspecto de cidade civilizada e progressista”¹¹³.

Pelas notas dos jornais e cenas flagradas nas fotografias da época, percebeu-se que a campanha que procurava coibir estes costumes não foi uma tarefa fácil, nem tampouco rápida, haja vista a sua permanência anos mais tarde. Lendo estas práticas pelas lentes de Thompson, ver-se-á nelas tanto uma cultura tradicional quanto uma demonstração de rebeldia nas atitudes¹¹⁴. O tom do jornal, que inicialmente era mais brando, aos poucos vai se tornando mais agressivo contra os infratores das posturas municipais. Em nota que faz denúncia contra a presença de animais soltos nas principais praças da cidade, o jornal cobra “uma medida mais enérgica contra êsse hábito retrógrado dêesses indivíduos de espíritos pouco arejados!”¹¹⁵

Informando quanto a nomeação do novo chefe do Distrito Sanitário do município, em junho de 1956, o *Vanguarda* saúda o médico sanitarista dr. Evandro Campos de Oliveira, e lhe exige “enérgicas medidas” contra os hábitos da “criação de suínos e outros animais no perímetros urbano; a ocupação de casas sem o devido “habite-se”; a lavagem de roupa em determinados trechos do Rio do Ouro, onde a população se abastece de água potável, etc. etc.” Ainda no mesmo mês, o jornal já noticiava as “importantes medidas tomadas pelo chefe do Distrito Sanitário”, dentre elas a proibição da criação de suínos no perímetro urbano.

Por vezes, o tom do discurso do jornal beirava ao sarcasmo quando se referia a permanência dos animais na cidade.

As vacas, que certos indivíduos teimam em criar sôltas no perímetro urbano, deram-se ao luxo, ultimamente, de também fazer o seu “footing” noturno nos canteiros da Praça Castro Alves, comendo e destruindo as plantas! (...) ¹¹⁶

Os jumentos, os porcos e as cabras tomaram conta da nossa velha urbe, num espetáculo que muito depõe contra os nossos foros de cidade civilizada.

¹¹³ Jornal *Vanguarda*, nº 306, de 21 de agosto de 1955, p. 4. (*Os animais continuam a pastar nas ruas*).

¹¹⁴ THOMPSON, E. P. *Op. Cit.* p. 19.

¹¹⁵ Jornal *Vanguarda*, nº 343, de 12 de maio de 1956, p. 1. (*A invasão da cidade pelos animais*).

¹¹⁶ Jornal *Vanguarda*, nº 335, de 17 de março de 1956, p. 1. (*As vacas estão pastando no jardim!*).

Não somente nos subúrbios, mas também nas suas ruas centrais os animais fazem o seu *footing* diuturno sem que ninguém os incomode...¹¹⁷

As expressões “espetáculo” e “*footing*” são normalmente ligados ao universo urbano moderno, mas nas notas o jornal faz ironia para a situação vivenciada na cidade que se diz “civilizada”. Na edição seguinte a da última nota, após informar quanto à designação do dr. Raimundo Diniz Veloso como o novo chefe do Distrito Sanitário da cidade, o *Vanguarda* apela para que ele tome medidas de “repressão contra o desenfreado criatório de animais soltos no perímetro urbano, bem como contra os banhistas no Rio do Ouro.¹¹⁸”

Mais uma vez parece que as reivindicações veiculadas pelo *Vanguarda* surtia efeito, pelo menos no papel, pois seguidamente o chefe sanitário da cidade, através desse veículo de imprensa, deixa ver para a comunidade da “(...) inobservância ao dispositivo do Art. 409 do Código Sanitário, que proíbe terminantemente a criação de porcos no perímetro urbano (...)”¹¹⁹. Diante das práticas consideradas anti-civilizadas pelos criadores de porcos, o poder público faz uso da lei para coibir as atitudes abusivas.



(18) Vista para a Praça Rio Branco e detalhe. 1958. Foto: Osmar Micucci. Acervo do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Na Jacobina da época era comum encontrar cenas de animais nas ruas. Nesta imagem captada pelo fotógrafo, é possível visualizar em dois momentos a presença deles. No detalhe existe um animal em seu *footing* pela urbe.

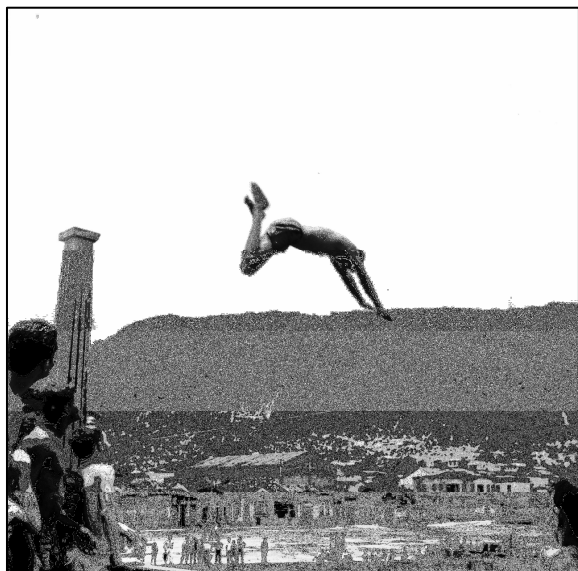
¹¹⁷ Jornal *Vanguarda*, n.º 399, de 29 de junho de 1957, p. 1. (Os animais tomam conta da cidade).

¹¹⁸ Jornal *Vanguarda*, n.º 400, de 13 de julho de 1957, p. 1. (Assumiu as funções o novo chefe do Distrito Sanitário).

¹¹⁹ Jornal *Vanguarda*, n.º 401, de 20 de julho de 1957, p.4. (Distrito Sanitário de Jacobina - Avisos).

Em 1957, dois anos antes da construção da barragem que abastece a cidade com a água do Rio do Ouro, o jornal *Vanguarda* apoiou outra campanha em prol da disciplinarização dos hábitos de tomar banhos públicos no rio¹²⁰. O jornal também faz constantes referências às práticas de lavagens de roupas nas águas do Rio do Ouro. Em nota, afirma que, segundo o Código de Posturas, só é permitida essa prática na confluência do citado rio com o Itapicurú-Mirim. Como se pode perceber através dessas passagens, a cidade vinha enfrentando constantes disputas entre, de um lado, a tentativa de normatização do espaço urbano por parte dos seus dirigentes, que apelavam para os discursos da civilização ou da higienização, e, do outro lado, os antigos costumes que a população insistia em não perder.

Duas fotografias de Osmar Micucci, ambas do arquivo “vistas – 1958-1959” chamam



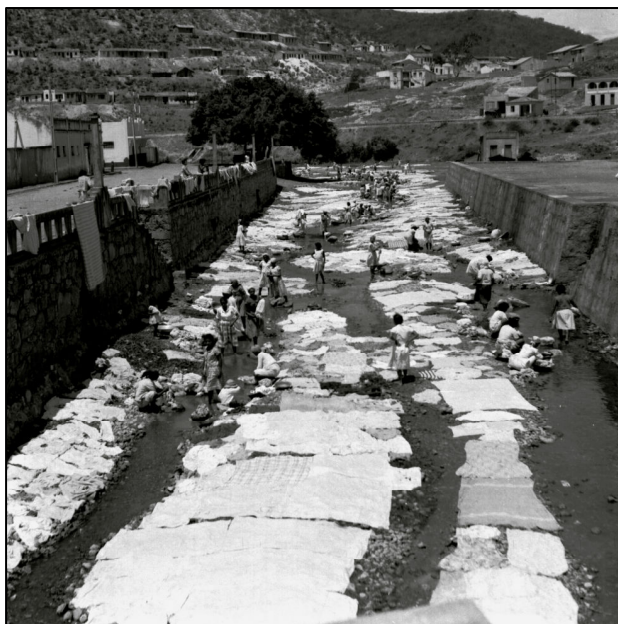
(19) *Cena com pessoa saltando da Ponte Manoel Novais nas águas do Rio Itapicurú-Mirim. 1959. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).*

a atenção pelos temas e visão transmitida pelo fotógrafo diante do projeto civilizatório empreendido na cidade. Na primeira imagem existe uma cena interessante de uma pessoa no instante em que se atirava da ponte Manoel Novais nas águas do Rio Itapicurú-Mirim. A imagem é imponente, principalmente porque enquadrada em ângulo de baixo para cima, dando dramaticidade à cena. O destaque é para o caráter exótico como o fotógrafo abordou a existência de uma prática corriqueira na cidade, principalmente quando as águas do rio

enchem depois das fortes chuvas que anualmente caem.

¹²⁰ Jornal *Vanguarda*, n.º 399, de 29 de junho de 1957, p.1. (*Continuam a tomar banho no Rio do Ouro*).

A segunda fotografia trata de uma cena das lavadeiras de roupa nas águas do Rio do Ouro. Aquele era mais um costume comum entre os moradores pobres, principalmente por não existir água encanada da cidade. Feita num ângulo panorâmico de cima para baixo, a imagem transmite uma sensação de grandiosidade à cena, formada por dezenas de mulheres em sua atividade de labor diário.



(20) *Lavadeiras de roupa no Rio do Ouro. 1959. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).*

Percebe-se com isso que na visão panorâmica de Osmar Micucci pelas suas caminhadas na cidade ele estava atento também para as questões pertinentes às práticas culturais da população local. Aliando registro de acontecimentos do

cotidiano a uma sensibilidade estética refinada, o fotógrafo, embora não assumindo publicamente posição contrária ao discurso civilizatório das autoridades locais, transmitia nas suas imagens um olhar associado aos costumes populares.

Mas o olhar panorâmico de Micucci voltava-se também para as principais atividades de lazer e cultura que envolviam os diversos setores da população da cidade naqueles anos de efervescência cultural, econômica e política.

Vivendo identificados com a civilização: festas, ritos e cinemas.

Jacobina se vangloriava de viver em sintonia com o universo cultural da modernidade desde o início do século XX. É possível identificar, nos anos 30, tentativas por parte da elite letrada urbana, de copiar modelos exportados dos grandes centros e de procurar se identificar com a “civilização”. O jornal *O Lidor* dizia que o ambiente cultural da cidade era próspero, e que apesar da presença de costumes tradicionais

vivemos identificados com a civilização, dentro da civilização. Temos as nossas melindrosas e os nossos almofadinhas (...) temos as philarmonicas e os jazzs, com as suas musicas modernas (...) Temos até quem tenha, de

cabeça, os nomes mais queridos das <estrelas> de Hollywood e os números das principais estações radiophônicas do país, com os seus cantores...¹²¹.

Esse festejado ambiente cultural urbano dos anos 30, na visão da imprensa local, se ampliou durante o clima dos “anos dourados”, na década de 50. As festas e ritos de ruas ganharam novos elementos, dando-lhe mais vigor e energia, e novas salas de cinemas foram abertas, ampliando o público de espectadores. Esse mesmo espírito de evocação do progresso é o que se percebe no olhar de Osmar Micucci.

Micucci foi um fotógrafo extremamente atuante na cobertura das festas populares de ruas em Jacobina. Essas festas foram constantemente associadas ao discurso civilizatório imposto pelas elites letradas e econômicas da cidade. Existia, entre meados dos anos cinquenta a sessenta, um festivo calendário religioso e profano: Festa do Divino Espírito Santo, Corpus Christi, Nossa Senhora da Conceição, Festa da Missão, Micareta, Semana da Pátria e a Festa da Primavera. De todos esses eventos, os mais abordados na obra do fotógrafo foram a Micareta e a Semana da Pátria.

A Micareta era uma das festas mais concorridas do calendário profano na Jacobina dos anos 50. Vanicléia Santos, em sua dissertação de mestrado, mostrou que existiam territórios específicos para os diferentes setores sociais brincarem o evento anual entre os anos de 1920 a 1950. No seu estudo, a autora apontou a presença de uma “micarême das elites”, organizada pelas sociedades filarmônicas 2 de Janeiro e Aurora, de “modelo importado”, e outra “micareta dos grupos populares”, formada por grupos de negros e pobres. Enquanto a primeira “era aristocrata, burguês, elitista, como no Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo”, a segunda estava constantemente sendo alvo de tentativas de “normatização e controle social da festa” como, por exemplo, ao hábito do uso das máscaras e da presença das “mulheres de vida livre” nos ambientes freqüentados pelas famílias locais¹²².

Santos notou que fora uma tarefa muito complicada a elite tentar exercer controle sobre os costumes da população. Para a autora, Jacobina era uma “cidade de

¹²¹ Jornal *O Lídador*, n.º 103, de 07 de setembro de 1935, p.4. (*sociedades e festas*).

¹²² SANTOS, Vanicléia Silva. *Sons, danças e ritmos: A Micareta em Jacobina-Ba (1920-1950)*. (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2001, p.88.

tradição agrária, embora com “vícios” urbanos, típicos da época”, que permitia um “intenso trânsito cultural” de diferentes matizes étnicas, sociais e culturais¹²³.

Durante as décadas de 50 e 60, as sedes das filarmônicas “2 de Janeiro” e “Aurora” funcionavam como os espaços das festas das elites. Participar dos bailes promovidos pelas administrações destes clubes era um atrativo restrito apenas aos sócios ou àqueles que podiam pagar por seus ingressos. Nas páginas do jornal *Vanguarda* os clubes faziam publicidades para divulgar o “brilhantismo”, “conforto” e “tradição” dos bailes organizados nos seus salões¹²⁴. A cada ano eles apresentavam suas novidades para a Micareta. Como cada um mantinha vínculos entre os dois grupos políticos locais, a festa da Micareta representava um forte motivo para os embates.

Ao lado dos bailes destinados às elites, existia o espaço da Sociedade dos Artistas Jacobinenses, freqüentado por uma “classe média” local¹²⁵. A respeito das festas naquele ambiente o jornal *Vanguarda* traz poucas informações, constatando a valorização para os eventos nos dois clubes freqüentados pelas elites locais.

O espaço das ruas era freqüentado pelos foliões de baixa renda que procuravam criar suas diversões em blocos e cordões. Normalmente saiam durante o dia. Ali se viam pessoas fantasiadas e mascaradas, como em uma imagem registrada por Osmar Micucci na Micareta de 1956, onde se vê quatro mascarados desfilando sobre jumentos para a diversão de crianças e passantes que observam o espetáculo de rua. A tradição do uso de máscaras, ou “caretas” nas ruas era a parte do espetáculo que mais agradavam aos populares.

¹²³ SANTOS, Vanicléia Silva. Op. Cit., p. 139.

¹²⁴ Jornal *Vanguarda*, n.º 368, de 06 de abril de 1957, p.4. (*Sociedade Filarmônica “Aurora Jacobinense”: Micareta de 1957*) e (*Sociedade Filarmônica “2 de Janeiro”: a posto foliões para a grande micareta de 1957!*).; n.º 391, de 27 de abril de 1957, p.1. (*Hoje, o início da micareta nesta cidade*); n.º 440, de 19 de abril de 1958, p.1. (*A micareta nesta cidade*).

¹²⁵ Jornal *Vanguarda*, n.º 335, de 17 de março de 1956, p.1. (*Promete Ser Animada a Micareta em Jacobina*).